

GONÇALO RIBEIRO TELLES

**DO
TRUMPISMO
AO CHEGA**

A CONTAMINAÇÃO

Prefácio
MÁRIO CENTENO

NÃO-FICÇÃO · POLÍTICA

«O homem-massa é aquele que não exige nada de si próprio.»
JOSÉ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*

Índice

PREFÁCIO	9
--------------------	---

DO TRUMPISMO AO CHEGA: A CONTAMINAÇÃO

INTRODUÇÃO	15
1. Pandemia política	19
2. Contágio.	43
3. Medo	63
4. Unilateralismo global, caos nacional	81
5. Cobardia	101
6. Poder e contrapoder	143
7. (sobre)Viver e desígnio	163
AGRADECIMENTOS	175

PREFÁCIO

Por Mário Centeno

De Trump ao que o antecedeu poderia ser uma forma alternativa de apresentar os temas, tão relevantes para Portugal e para o mundo, que o livro de Gonçalo Ribeiro Telles aborda.

Na análise de um fenómeno tão transcendental para o nosso futuro como a chegada ao poder, na mais poderosa democracia do mundo, de alguém associado a um tão elevado grau de disfunção institucional, importa olhar para trás e perceber o que correu mal. As consequências que daí decorreram, tanto nos Estados Unidos como na Europa, só podem ser compreendidas à luz desse quadro necessariamente sombrio.

O livro aborda estas questões em profundidade. Limitar-me-ei aqui a enumerá-las pela ordem em que as vejo surgir no horizonte das nossas democracias.

A primeira questão essencial é a perda de respeito pelas instituições que fomos construindo ao longo de séculos. Estas instituições são imperfeitas porque são obra humana. Devem ser questionadas e melhoradas. Ainda assim, são elas que oferecem à sociedade um bem essencial que o cidadão comum dificilmente consegue assegurar por si próprio: tempo.

Perante um choque, as instituições devem conceder tempo para que a sociedade se adapte, evolua e progrida na direção que o coletivo considera desejável.

As crises financeiras da primeira década deste século expuseram inúmeras fragilidades das nossas instituições, particularmente na

Europa, mas também nos Estados Unidos, onde os problemas sociais se manifestam há mais tempo.

Esses problemas podem ser sintetizados da seguinte forma, ainda que necessariamente com simplificações: quando uma nova geração deixa de sentir que vive melhor do que a geração dos seus pais, instala-se uma crise de confiança no modelo de desenvolvimento e procura-se responsabilizar «o sistema». Nos Estados Unidos, esse momento começou a desenhar-se no final do século xx, entre os descendentes da geração dos *baby boomers*. Na Europa, trata-se sobretudo de um fenómeno do século xxi, tornado particularmente evidente pela resposta insuficiente à crise financeira, que imputou à generalidade da população custos resultantes de comportamentos dos quais apenas alguns tinham beneficiado.

O radicalismo político não é uma invenção de Trump nem de Ventura. É antes o reflexo da degradação da representatividade dos sistemas políticos. Resulta da incapacidade de dialogar e de explicar decisões, ou da ausência delas. Numa palavra, resulta da demissão das instituições da sua função essencial: proporcionar o tempo necessário para que as famílias se ajustem a um mundo mais competitivo, mais aberto e mais global.

É útil, neste ponto, definir o que significa «tempo» numa economia e numa sociedade. Numa economia, tempo significa liquidez. Significa capacidade para atravessar crises económicas e financeiras sem atingir pontos de rutura. Numa sociedade, significa capacidade de interação, de construção de soluções e de mobilização do capital social acumulado ao longo de décadas.

Nesse contexto, tempo significa não nos consumirmos em debates estéreis sobre culpas e punições. Significa, pelo contrário, utilizar as instituições para criar almofadas de inclusão, nas quais as soluções são partilhadas e construídas coletivamente, e não impostas de forma rígida e fragmentadora.

Quando tudo isto falha, surgem os populistas. Eles são eleitos pelas pessoas; não constituem emanações extraterrestres. Representam apenas a ausência de alternativas credíveis. Quando os eleitores veem a sua paciência sucessivamente testada e deixam de encontrar respostas

**DO
TRUMPISMO
AO CHEGA**
A CONTAMINAÇÃO

INTRODUÇÃO

«Tornar Portugal grande outra vez.»

Uma das particularidades mais visíveis e sentidas nos dias que correm quanto ao significado desta segunda presidência de Donald Trump para a União Europeia (UE) é a falta de capacidade portuguesa para antecipar e preparar cenários.

Torna-se complicado criticar a partir de Portugal uma União sem autonomia estratégica quando o nosso próprio país é relutante em se afirmar em consonância com o novo pragmatismo nos momentos decisivos e se mostra refém da consistência política que um outro mundo de trumpismo intermitente, constante ou em fim de vida exige.

Não foi por falta de sinais. A contaminação do guião trumpista aterrou em força em Portugal a partir de 2019, mas nem o facto de sermos um dos últimos países europeus onde tal acontecia nos permitiu levantar melhor as defesas ou perceber aprofundadamente a raiz da força do novo fenómeno da direita radical no país. Foram raras as vezes, ou quase nunca em que se seguiu o mantra essencial de pensar de modo global para agir localmente em relação a isso mesmo. Aquilo que Trump e o MAGA [Make America Great Again] estão a fazer nos Estados Unidos da América (EUA) serve para perceber o extremismo desta nova direita, que sempre foi o grande modelo de influência para os grupos europeus apoiados financeiramente por Steve Bannon e Elon Musk. A famosa «doença» de não executar a pensar no longo prazo tomou conta da política nacional, pouco depois de tomar de assalto o controlo de grande parte do espaço público. Quase sempre, através da esplendorosa contaminação em toda a linha das ideias, narrativas e agenda do Chega. Mesmo contra a generalidade da população.

Os objetivos deste partido às vezes estão em consonância com o seu discurso político, noutras ocasiões subsistem para lá deste. Só que, tal como o «movimento» global a que pertence, se mantêm firmes entre a erosão dos procedimentos democráticos, do primado da lei e um novo autoritarismo gradual à medida que a democracia é corroída. As guerras culturais, muitas vezes fabricadas, o racismo, o financiamento ímpar e a oposição à globalização são temas centrais e ajudam, sobretudo através deste último, a explicar alguma da transversalidade no eleitorado que consegue captar em países como Portugal.

Ao contrário dos EUA do século xx, do país que delineou grande parte do sistema multilateral, daqueles que fizeram a NATO e foram decisivos no apoio aos europeus durante as duas grandes guerras, a América de Trump tem na Europa democrática e liberal um inimigo maior. Poucas dúvidas restam hoje em relação a isso, mas as evidências estavam lá todas bem antes.

Como reagirão os «filhos» europeus do trumpismo a tudo isto? Essa é a grande questão que está em andamento e muitos países da União Europeia já fazem caminho contra este radicalismo e extremismo, apontando o foco para onde mais interessa. Colocando um certo moralismo de lado e atestando, prova atrás de prova, que estes fenómenos, ao contrário de praticamente tudo o que «vendem», são também o maior atropelo ao verdadeiro interesse nacional que cada país conheceu nas últimas décadas.

Paralelamente, existe a esperança de que os EUA regressem a um determinado código de valores e princípios neste novo mundo. Essa é uma das grandes dúvidas que persistirão ao longo deste ano e até ao final de 2028.

Até lá e num mundo mais turbulento do que nunca, o contexto deveria exigir a qualquer país a melhor preparação possível.

Uma concretização que em Portugal não é possível sem que se perceba até que ponto o país se deixou contaminar localmente pelo trumpismo luso. Muitas vezes, com o Chega. Outras vezes, para lá desse partido. Sem a ingenuidade ou irresponsabilidade de acreditar que todos ou até grande parte dos problemas do país nasceram com esse contágio, mas sabendo também que nada melhoraria ou seria solução para o

que fosse através desta linha extremista, populista e representativa de um grave retrocesso civilizacional.

Se continuar a crescer, este extremismo atirá Portugal para um abismo cada vez maior que acabará por interessar a muito poucos.

Confundir esta deriva com a legítima exigência de um debate político vivo, intenso e até aguerrido numa democracia pluralista é um erro profundo. Uma democracia precisa de confronto de ideias, mas também de alternativas responsáveis, capazes de apresentar caminhos claramente distintos dentro do quadro parlamentar português.

O surgimento deste livro passa por aí. Passa, por exemplo, pela seleção e contextualização de alguns artigos que fui publicando nos últimos anos em meios de comunicação social e numa ou noutra revista cultural [*Público*, *Expresso Online*, *Brotéria*, *Visão*, *Diário de Notícias*, *Comunidade Cultura e Arte*]. Atravessando vários períodos e acontecimentos com o olhar e complemento atual. Escrevi esses textos muitas vezes procurando juntar os pontos entre a certeza que a influência externa tinha como pouco ou nada na realidade nacional, mas também, de forma permanente, com as maiores críticas ou dúvidas sobre como respondiam o país, o poder político e as oposições perante esses temas concretos e a contaminação do trumpismo. Esse é o ponto contínuo do que vaticinei.

A saúde futura da nossa democracia dependerá sempre do grau maior ou menor desse contágio e da posição que Portugal tem ou aspira a ter no mundo. Que não haja dúvidas quanto a isso.

1. Pandemia política

Doença infecciosa que se espalha globalmente

A primeira eleição de Donald Trump em novembro de 2016 aterrou com estrondo, mas já existiam sinais desse desfecho provável. Tanto nos EUA como na Europa, meses antes com o referendo ao Brexit que decidiu a saída do Reino Unido da União Europeia.

Ignorar estes dois acontecimentos e falar do surgimento do Chega três anos depois em Portugal, bem como de outros fenómenos de extrema-direita que emergiram entre 2016 e 2019, é passar completamente ao lado do essencial. Do empoderamento a partir do poder americano, à expressão, até ao dinheiro que se angariaria para o *franchising* desta direita viver de um sucesso político local e imediato.

Ao contrário do que se diz agora, o plano totalitário do MAGA não surgiu em 2025. Da mesma forma que a falta de método de Trump, a ignorância geopolítica e o extremismo sempre estiveram lá. Tal como acontece com o seu congénere luso André Ventura. O racismo foi a marca agregadora antes de a imigração ser tema. O «outro», seja pela cor da pele ou pela nacionalidade, serviu como argumento antes de se inventarem problemas decorrentes das portas «escancaradas» no país.

Claro que o presidente norte-americano não fez nascer um eleito-rado racista em Portugal e noutros países europeus. Essa raiz já existia em todos eles. Pensar o contrário é ignorar e insultar aquele ou aqueles familiares mais velhos da minha geração dos 30 e 40 anos. O trumpismo proporcionou-lhes um projeto de poder, retirando muito eleitorado da abstenção ou dos partidos de extrema-direita e monárquicos que até então não tinham nenhum partido com verdadeira expressão localmente.

Também não foi a guerra imbecil recente de Trump e do primeiro-ministro de Israel Benjamin Netanyahu contra o Irão que colocou a União

Europeia entre a realidade do que é o regime chinês e o novo projeto totalitário do trumpismo. Esse desafio está lá desde 2019 e com o primeiro mandato de Trump. Por mais que o quiséssemos ignorar. Em janeiro e junho desse ano escrevia como se segue.

«Entre a China e Trump», janeiro de 2019

Tenho alguma dificuldade em acreditar que um Estado totalitário não controle uma das maiores e mais lucrativas empresas do seu país.

Parece-me ainda evidente que quem cria um sistema de crédito social sinistro, vigiando os seus cidadãos e premiando quem melhor o faz, não deixa de ir pelos mesmos métodos globalmente. Sobretudo, quando se trata de um país com o poderio económico e comercial da China, que encontra na Huawei os mecanismos perfeitos para os executar, enquanto o sistema 5G se encarrega de tornar a empresa apelativa.

Nada disto invalida que seja do interesse norte-americano enfraquecer o poderio comercial chinês, e até compreendo que se retire daí a explicação para esta espécie de embargo à Huawei. Tenho é maior dificuldade em aceitar o argumento de que os americanos também utilizam os mesmos métodos de espionagem e sabotagem através das suas empresas. Um argumento que ignora grande parte das conquistas ocidentais, a legislação pública dos Estados Unidos, o sistema democrático num dos lados e o comunista noutro. Para já não falar no menosprezo que isso revela à esfera de atuação dos serviços de inteligência americanos, e os próprios limites que esta impõe.

As coisas são o que são e a China é o que é. Claro que a administração Trump também é o que é, mas a verdade é que estrategicamente tem atuado bem aqui (vejam-se já as recentes reações e o que poderão significar), e poderá conseguir reforçar a relevância americana nalguns sectores estratégicos através deste tema. Fá-lo numa altura em que o país asiático (ainda) continua a depender mais dos americanos e em que sabe da influência que tem sobre muitos países da União Europeia.